



LUCIANO LAPAS – docente ILACVN

(entrevista concedida por telefone e transcrita)

O começo

Meu interesse pela UNILA começa alguns anos antes da sua criação. Final de 2007 já tenho meu primeiro contato, já fico apaixonado pela ideia. Em 2008, o projeto começa a se delinear mais, o pessoal de Brasília começa a comentar sobre a universidade. E em 2009, tenho os primeiros contatos e no início de 2010 também fortaleço esse contato, buscando uma redistribuição – eu era professor da UnB. E aí abriu a oportunidade de um concurso. Fui, fiz o concurso, encontrei algumas pessoas-chave, professor Hélgio Trindade [primeiro reitor]. Deu tudo certo e no dia 3 de agosto a gente já estava aqui na cidade, trabalhando na Universidade.

Esse início, realmente, foi desafiador. Para ter noção, não existia nem telefone na Universidade e houve uma doação da Receita Federal. Só que os telefones que a Receita doou pra gente, muitos tinham



problema e acabou que, por ter algum conhecimento em eletrônica, muitos desses telefones eu acabei consertando para serem distribuídos nas salas.

E foi bem rudimentar mesmo, fazer a universidade a partir do zero.

Todos muito empenhados. Todo mundo era bastante unido nesse início.

Todos os professores conviviam naquele mesmo corredor. Saíam todos juntos. Comemoravam as alegrias e tristezas desse início.

Lembro um dia – era uma sexta-feira – em que houve uma reunião bem cedinho. Tinha que fazer o PPC de dois cursos: Engenharia Civil de Infraestrutura e o de Energias Renováveis. E a gente, num final de semana, acabou fazendo a grade de um curso. De um não, de vários cursos, para que na segunda-feira tivesse uma apresentação ao então ministro da Educação, Fernando Hadad. Então a gente fez todo um trabalho ali, um esforço conjunto, árduo, destemido. Todo mundo mergulhado de cabeça no que seria o projeto inicial.

Era um momento tão bom que nós tínhamos praticamente reuniões diárias com o reitor. Havia uma ideia, chamava-se todos os docentes, que eram ainda poucos na época. Todos iam para uma grande sala



debater aquilo. Tinha uma mobilização muito grande. Nós chegamos a parar um período de aulas para debater o que seria interdisciplinaridade. Nós parávamos para debater como seriam as questões de crédito. Nós parávamos realmente a universidade para debater coisas essenciais. Muitas delas não prosperaram e geraram algumas tristezas pra gente e outras foram por um caminho que gerou problemas que a gente tem hoje na instituição.

Mas o que fica de bom de tudo isso é que a gente se sente imerso na universidade, imerso nas temáticas. Então tudo que envolve a UNILA tem outro sentimento pra aqueles que chegaram no início. Não era somente a fonte de recursos financeiros – os pagamentos – ela era o combustível da alma. A UNILA sempre foi a força motriz que nos colocava diante de um projeto inovador de educação.

Conquistas

As principais conquistas nos anos iniciais foram principalmente os laços de integração entre os que aqui estavam, não somente os docentes, técnicos, mas os estudantes também. Era um projeto do qual



a gente tinha uma proximidade muito grande, um debate muito intenso, perspectivas bastante inovadoras. Obviamente, também havia os conflitos, eram os desafios iniciais, principalmente, pela visão do nosso dirigente máximo, mas com o tempo a gente foi compreendendo essas preocupações. Foi compreendendo a razão de muitas das coisas iniciais com que o professor Helgio se preocupava. E esse amadurecimento foi muito importante para todas as conquistas dessa universidade. Tudo que tem de bom da UNILA se deve, principalmente, a esse início. Tudo o que tem de não tão bom, também, mas o que o sobressai é o que tem de bom: as amizades que ficaram, o respeito de muitos daqueles que estavam aí. A capacidade de todos de se dedicar, de se entregar à missão da Universidade. Vale a pena para o crescimento moral, para o crescimento intelectual, que se faz necessário na construção de uma universidade que almeja ser grande. Essa relação, essa identidade com os estudantes, para aquele começo, pra mim, foi o mais forte. Era muita proximidade. As dúvidas, os anseios eram compartilhados por todos. Então esse fator ainda é como se fosse um fantasma. O fator da integração, ele não é palpável,



não é ponderável, mas para visualizar precisaríamos talvez de um novo sentido sensorial. O qual muitas vezes não temos a sensibilidade absorvê-lo, observá-lo, mas para que a UNILA tenha o mínimo de união, esse processo inicial foi bastante importante.

Os primeiros estudantes

A primeira turma foi extraordinária. Nós tínhamos uma situação bastante delicada e queríamos muito, muito acolhê-los, principalmente, os estrangeiros. Os latino-americanos não brasileiros. Então fizemos um processo de recepção muito bonito, muito caloroso. Íamos na rodoviária, no aeroporto, nas aduanas do Paraguai e da Argentina. E era um receptivo muito caloroso, muito próximo. Nós fazíamos visitas juntos, organizávamos tudo isso. Esse início era tão curioso que a gente tinha uma residência estudantil, que hoje é o Campus Integração, mas era um hotel antes. Esse hotel foi comprado pela UNILA para absorver esses estudantes.

Nós tivemos professores morando na residência estudantil para ajudar



nesse processo de acolhimento. Ali, por conta dessa novidade de estar em um país com algumas características diferentes, com comida diferente, muitos alunos passaram mal. Era esse querido professor que levava até a UPA. Havia um envolvimento com cada um que ficasse doente. Todos nós sabíamos e todos nós nos preocupávamos.

O sentimento de saudade que todos tinham. A gente tentava abraçar. Sentimentos de alegria e de tristeza. Havia uma interação muito grande para tentar acolher todos em todos os sentidos. Nesse início, não tivemos muitos alunos, eram muito poucos alunos. Permitia essa proximidade. Havia uma maior também predisposição de todo o corpo da UNILA para esse momento histórico que foi esse receptivo.

Tínhamos grandes desafios e os principais eram os desafios culturais e as diferenças culturais que tínhamos que lidar naquele momento.

Gerava uma certa estranheza, mas que graças a tudo que fizemos foi possível superar.

A comunidade

No princípio da UNILA tivemos muitos atritos porque nós temos uma sociedade bastante ramificada em termos culturais, mas conservadora.



Ela é diversa, porém bastante conservadora. Em alguns momentos fazia-se propagandas contra a questão da UNILA. Tivemos situações pontuais de conflitos envolvendo estudantes e a sociedade, mas eram questões muito pontuais que eram potencializadas por diversos interesses. Obviamente que uma universidade pública, em uma região como essa, não é interessante para muitos entes, agentes políticos. Então houve um processo de degradação da imagem da universidade, mas que por sorte, com o desenvolvimento que tivemos ao longo dos anos, principalmente da pesquisa e da extensão, essa imagem começou a ser mudada e, hoje, apesar de a gente sofrer alguns probleminhas nessa interação, ela se ativa de uma outra forma. Com a pandemia então, a sociedade viu o papel das nossas áreas de saúde, das nossas pesquisas em termos da questão local, da atuação dos nossos estudantes – uma referência aos estudantes de Medicina - e professores com a sociedade, mudando bastante esse cenário, trazendo uma nova perspectiva. Há uma expectativa para o futuro de um grande e bom desenvolvimento e com isso a sociedade acaba atuando mais a medida que fizemos aquelas Mostras de Cursos, a



sociedade começou a ver a universidade de uma outra forma, começou a atuar mais. Mas ainda temos um grande potencial de desenvolvimento, precisamos atuar mais, principalmente no processo de divulgação. Precisamos achar novos meios de divulgação da Universidade para que a comunidade se sinta integrada à universidade, acolhida pela universidade. E vice-versa. Mas esse é um processo de construção longo que devemos absorver com muito respeito.

Principalmente, a Universidade para com a sociedade. Nenhuma deve aceitar a outra como uma imposição, mas devemos enxergar a outra sob uma perspectiva de parceria, de integração, de acolhimento, de identificação de identidades: Foz do Iguaçu ser reconhecida através da UNILA e a UNILA através da região trinacional.

Destaques

Uma saudade dos momentos em que parávamos a universidade para o debate acadêmico, saudade de discutir ideias, discutir projetos, em cooperação com todos que havia na universidade, sem distinção, sem



dicotomia do que é o docente, o que é o técnico, o que é o discente. Todos trabalhávamos em prol. Sinto saudades desse momento, mas também é importante, em todo esse processo, a necessidade de cada etapa. Cada etapa foi positiva no sentido de trazer a maturidade indispensável para a instituição, que é uma maturidade que ainda estamos buscando. Faltou ainda na instituição lideranças proativas que desenvolvessem cada temática, mas a gente está construindo essas lideranças, elas estão surgindo. Esperamos que todas tenham o respeito mútuo que é esperado num processo de integração. A capacidade de ouvir, a capacidade de reconstruir e ressignificar a instituição para que ela seja dinâmica e não estática; sejam revisados o Ciclo Comum de Estudos como a gente fazia no início. Tínhamos um debate franco, sincero, frente a frente, mas que foi com o tempo se perdendo por conta das nucleações ideológicas e dos nossos próprios preconceitos. Então, a gente precisa retomar, retirar os escudos e debater as coisas com muita racionalidade, respeito, com a visão de que a universidade é muito maior do que todos nós, e ela durará, esperamos, por uma eternidade.



Expectativas

As expectativas para os próximos 10 anos é que nós possamos ter a capacidade de discutir a UNILA sempre, cotidianamente, de ter fóruns de debate sobre a missão da instituição. Que a gente não separe o administrativo, a administração superior das ideias que surgem na base sobre o que é a universidade, seu significado, abrangência. Que possamos nos próximos anos revisar todos os PPCs, o próprio Ciclo Comum de Estudos. Precisamos retomar aquele caráter de discussão lá do passado, do início, para repensar toda a universidade, reconstruir o nosso Regimento Geral. O Estatuto foi muito bem posto, foi uma contribuição de todos, prevaleceram as ideias do nosso dirigente à época, mas foi uma construção de todos. Já o Regimento Geral é uma colcha de retalhos que precisamos repensar. Avaliar o que deu certo e o que não deu certo nesses 10 anos e corrigir o quanto antes. Precisamos ter uma maior interlocução, honesta, sincera, com todos os agentes, para que haja aproximação. Precisamos acabar com essa dicotomia entre técnicos de um lado e



docentes do outro. Precisamos aproximar todos para o verdadeiro sentido da instituição. Muitas das vezes, a universidade é vista como mais um órgão público. Como qualquer outro, se perdendo as raízes, perdendo a destinação dessa instituição. Precisamos, nesses próximos 10 anos ter uma maior identidade de todos nós, servidores, com essa instituição. Diluir amarras, diluir sentimentos de aversão e transformá-los em sentimentos de pertencimento, de ressignificação, com muito respeito a todos, obviamente. E construir uma instituição que esteja além das ideologias. Construída num racionalismo e, até de certa forma, sob um certo pragmatismo. E melhorias conceituais, de infraestrutura, melhoramento que parou, não parece ser dinâmico. Está numa roda, precisamos tirar dessa roda para que possa ser pensado por todos e amplamente debatido.

Que essa universidade dos próximos 10 anos seja a universidade que me trouxe a essa cidade, a universidade a que devo tudo da minha vida, que serviram para uma maturidade, que eu vejo muito diferente de 10 anos atrás e espero estar muito melhor ainda daqui a 10 anos. Meu sonho é que eu tenha muito orgulho de minha filha estar



frequentando essa universidade. O meu orgulho é poder ressignificar o sentido de família como sendo a UNILA.

